



ARTIGO

Identidade Cultural e Migração em “Garota, Traduzida”

VICTÓRIA CRISTINA DE SOUSA BEZERRA



ISSN 2318-3985 Volume 6
Número 12 Jul - Dez 2018

IDENTIDADE CULTURAL E MIGRAÇÃO EM “GAROTA, TRADUZIDA”*

Victória Cristina de Sousa Bezerra

Graduada em Letras - Português e Inglês, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística - PPLIN/UERJ, na Área de Estudos Literários. Integrante do Grupo de Pesquisa Poéticas da Diversidade, cadastrado no CNPq.

RESUMO: Este artigo consiste na análise da reconfiguração da identidade cultural, a partir do processo migratório do romance *Garota, Traduzida*, de Jean Kwok, que aborda a trajetória de uma imigrante chinesa nos EUA. Os conflitos que surgem do choque entre as culturas são meticulosamente representados no romance. Para esta análise, a questão sobre identidade cultural será discutida à luz dos textos teóricos de Stuart Hall (2013) e Derrida (1999) e os processos de desterritorialização e reterritorialização serão examinados a partir de Deleuze e Guattari (1972).

Palavras-chave: Identidade cultural; desterritorialização; reterritorialização.

Introdução

Em tempos de pós-modernidade, a identidade volta a ser discutida na teoria social e problematizada na medida em que perde o caráter de imutabilidade que a acompanhou ao longo do período moderno, passando a ser compreendida como algo em permanente processo de transformação.

Paralelamente, esse novo olhar sobre a identidade gera reflexões outras, que põem em xeque alguns conceitos outrora cristalizados, como o de identidade nacional, uma vez que os critérios com que se abordava a questão do pertencimento também se modificaram. Conforme aponta Benedict Anderson (2008), os laços com a nação são hoje estabelecidos conforme a percepção desta como uma comunidade imaginada.

Nesse panorama, e considerando os deslocamentos humanos em larga escala ocorrido nos séculos XX e XXI, é possível afirmar que a literatura contemporânea que tematiza a diáspora e os processos migratórios não apenas promove a representação do processo de desterritorialização e reterritorialização (DELEUZE & GUATTARI, 1972), mas focaliza também as consequências do choque cultural e a reconfiguração das identidades. Em geral, o contato entre culturas produz identidades híbridas, pois os deslocamentos não são apenas territoriais, mas principalmente culturais.

Este artigo propõe a análise da reconfiguração da identidade decorrente do processo migratório no romance **Garota, Traduzida**, de Jean Kwok, que aborda a trajetória de uma imigrante chinesa nos EUA. Essa trajetória implica não apenas o choque entre culturas, mas o complexo processo de reterritorialização.

* O artigo foi orientado pela Prof. Dra. Shirley de Souza Gomes Carreira, que está de acordo com a submissão. O seguinte trabalho é um resultado parcial de pesquisa realizada no curso de Mestrado em Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UERJ.

Identidade Cultural

A identidade é um produto do discurso e pode ser vista sob diferentes óticas. Dennys Cuche (1999) defende a ideia de que as teorias sobre a constituição da identidade, em larga escala, podem ter uma natureza objetivista ou subjetivista. As objetivistas abordam a definição e a descrição da identidade “a partir de um certo número de critérios determinantes, considerados como “objetivos”, como a origem comum (a hereditariedade, a genealogia), a língua, a cultura, a religião, a psicologia coletiva (a “personalidade básica”), o vínculo com um território, etc.” (CUCHE, 1999, p. 180), e as subjetivistas são as que estabelecem um sentimento de vinculação ou identificação a um determinado grupo.

No entanto, Cuche (1999) aponta os impasses dessas concepções. Enquanto uma considera a identidade como algo automático, já que o indivíduo possui identidade, pertence a uma comunidade e compartilha uma língua, a outra considera que a identidade é uma questão de escolha individual arbitrária.

Cuche demonstra que a identidade é relacional e situacional, pois “a identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato” (CUCHE, 1999, p. 182). Por conta disso, é possível perceber que a afirmação identitária pressupõe uma afirmação da alteridade. A identidade para Cuche (1999) é uma negociação entre a identidade definida pelo próprio indivíduo, que gera uma “autoidentidade”, e a identidade definida pelo outro, que gera uma “heteroidentidade”. Quando há uma falha nessa negociação, o resultado é uma “identidade negativa” que leva à estigmatização.

Stuart Hall (2013), por sua vez, discorre sobre o processo de configuração identitária apresentando diferentes concepções de sujeito, como: 1) sujeito do Iluminismo; 2) sujeito sociológico e; 3) sujeito pós-moderno. Através dessas concepções, Hall (2013) traça uma linha do tempo na qual é possível perceber como a identidade foi se moldando ao longo da história da humanidade. O sujeito do Iluminismo, do século XVII e XVIII, consistia em um indivíduo centrado, com uma essência, vinda desde o seu nascimento, fixa e imutável e decorrente da necessidade do indivíduo de se auto afirmar individualmente.

A partir do momento em que a sociedade começa a se tornar mais complexa, o sujeito passa a se ver em uma relação entre sujeitos, assim, a identidade do sujeito sociológico é formada a partir da interação com o outro. O sujeito sociológico é um elo para o sujeito da pós-modernidade, pois, na modernidade tardia, o indivíduo passa a ser posto em meio à multidão. Nesse contexto, uma identidade que não mais pode ser definida nem pelo outro, nem pelo próprio indivíduo, pois não há mais um único centro de poder, mas, sim, “uma pluralidade de centros de poder” (HALL, 2013, p. 16).

O sujeito pós-moderno rompe então com a ideia de uma identidade cultural imutável, já que a identidade é construída através dos contextos sociais e históricos no qual o sujeito está inserido. Antonio Ciampa (1987) entende essa fragmentação identitária como uma metamorfose que é proporcionada pelo próprio indivíduo, “todos nós – eu, você, as pessoas com quem convivemos – somos as personagens de uma história que nós mesmos criamos, fazendo-nos autores e personagens ao mesmo tempo” (CIAMPA, 1989, p. 60).

Essa fragmentação do sujeito leva a um debate acerca das identidades nacionais, já que o intuito da cultura nacional é o de uma identidade unificada, Roger Scruton e Ernest Gellner exploram esse conceito, argumentando sobre a identidade nacional ser intrínseca ao homem:

A ideia de um homem (sic) sem uma nação parece impor uma (grande) tensão à imaginação moderna. Um homem deve ter uma nacionalidade, assim como deve ter um nariz e duas orelhas. [...] Ter uma nação não é um atributo inerente da humanidade, mas aparece, agora, como tal (GELLNER, 1983, p. 6).

Entretanto, se sabe que a identidade nacional não é algo que está em nosso gene, mas que é um discurso construído, e que é, na verdade, um sistema de representação cultural. Benedict Anderson (1983) argumenta que o que se entende por nação, que dá origem a identidade nacional, é uma “comunidade política imaginada”:

[...] ela [a comunidade] é imaginada porque mesmo os membros das mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles (ANDERSON, 1983, p. 32).

A ideia de nação sempre esteve intrinsecamente ligada a períodos históricos nos quais se visava a uma homogeneização cultural e “nacional”, como nos períodos de colonização e durante guerras, por exemplo, já que para se formar uma ideia de nação é necessário se ter uma **narrativa** sobre essa nação, que criam imagens e histórias que vão representar uma nação, além de se prezar por uma ideia de **povo puro**. Dessa forma, é possível perceber que o discurso de nação não é tão moderno quanto se possa imaginar, pois pensar numa ideia de **povo puro** é negar as diferenças étnicas e culturais que existem dentro de uma determinada comunidade.

Com os deslocamentos migratórios e a globalização, a ideia de nação se torna um tanto questionável, uma vez que as fronteiras territoriais se tornam menos visíveis e o sujeito que antes estava ligado a um território, agora pode se tornar um sujeito cosmopolita, que perpassa por diversos territórios e vivencia diferentes culturas. Dessa forma, um sujeito em situação de deslocamento não possui uma identidade fixa e imutável, já que, por passar por esse processo, o indivíduo vai experienciar uma ou mais culturas diferentes de sua cultura de origem, o que culmina nos processos de desterritorialização e reterritorialização.

A Desterritorialização e a Reterritorialização

Para se pensar a desterritorialização e a reterritorialização é necessário, primeiramente, pensar o território. Ana Lucia Paranhos (2010) traz uma noção de território relacionado ao conceito geográfico, sendo uma extensão de terra que possui seu espaço delimitado, na maioria das vezes, por questões jurídicas. Junto à ideia de território tem-se a ideia de movimento pois, segundo Marcos Aurélio Saquet (2007), o movimento é, ao mesmo tempo, uma condição e um resultado de determinações territoriais, porque é a partir da movimentação que se pensam as demarcações territoriais.

A partir dessa noção de território, foram construídos os conceitos de “desterritorialização” e “reterritorialização”. Segundo Paranhos (2010), ambos os termos apareceram na obra **Anti-Édipo**, em 1972, de autoria de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Compreendendo o indivíduo como sujeito nômade, este sempre estaria em um processo de desterritorialização, já que este “é o movimento pelo qual se deixa o território” (DELEUZE & GUATTARI, 1980, p. 634). No entanto, a desterritorialização vai além do território, já que ao se deslocar territorialmente o indivíduo também tem um deslocamento cultural, psicológico e sociológico. Ao fazer esse movimento de ir a outro território, o sujeito terá contato com outras culturas, sociedades e pensamentos diferentes do que se tinha em seu território de origem.

Ao deslocar-se e ter contato com culturas diferentes, o sujeito passa pelo movimento de reterritorialização ou seja, pelo processo de reconstrução do lugar em outro território. Vale ressaltar que a reterritorialização não é o movimento de retorno ao território de origem, mas, sim, o movimento de reconfiguração dos laços de pertencimento, já que o sujeito passa a experienciar novos espaços, e, assim, sua identidade também passa a englobar novas identidades.

A partir disso, cabe falar, rapidamente, sobre o conceito de “rizoma”, também cunhado por Deleuze e Guattari (1996). Anteriormente sempre que se pensava em algum deslocamento mantinha-se uma ideia de que um território ou uma identidade iriam ficar em uma posição hierárquica a outra, numa visão arbórea. Como por exemplo, se um indivíduo nascesse em território chinês, mas se deslocasse ao território estadunidense, a ideia que se tinha era que uma identidade iria ficar superior a outra. Entretanto, o conceito de “rizoma” nos apresenta uma nova visão, pois, ao invés de pressupor uma hierarquização, traz a ideia de horizontalidade, porque as diferentes identidades se expandem de forma horizontal, não hierárquica.

Compreendendo esses conceitos é possível ver os reflexos na sociedade, pois os sujeitos estão sempre nesses movimentos de desterritorialização e reterritorialização, sempre somando outras culturas a sua identidade.

A reconfiguração da identidade em “Garota, Traduzida”

O romance **Garota, Traduzida**, de Jean Kwok, foi publicado nos EUA, em 2010, e no Brasil, em 2011. Considerando a biografia da autora, é possível perceber que, de certo modo, ela projeta as suas experiências na obra, muito embora o contexto descrito seja inerente à imigração em geral.

O romance conta a história de Kimberly Chang – que no início da narrativa tem 11 anos –, e sua mãe, que saem de Hong Kong e vão para os Estados Unidos, para viver em uma área desfavorecida do Brooklyn.

Paula, a tia da protagonista, não apenas viabiliza a viagem, como também oferece moradia, escola e emprego. Entretanto, essas atitudes não são tão altruístas quanto podem parecer, já que, na verdade, Paula tem inveja da irmã e das conquistas de sua sobrinha.

A casa onde passam a morar está em péssimas condições, com rachaduras e sem vidros nas janelas, além de infestada de baratas. A fábrica em que passam a trabalhar é um local onde imigrantes são empregados ilegalmente, recebendo muito menos do que o valor devido. Kimberly percebe a maldade de sua tia:

Ela fizera tudo de propósito: permitira que fizéssemos a mudança em um dia de semana, e nos dera alguns presentes no último minuto. Usando a fábrica como desculpa, queria nos largar ali e ir embora rapidamente, enquanto ainda estávamos agradecendo sua bondade. Tia Paula não iria nos ajudar. Estávamos sozinhas (KWOK, 2011, p. 10).

Desde a chegada, ambas vivenciam o choque cultural além de uma profunda desilusão em relação ao **American dream**¹.

Kimberly acaba vivendo uma vida dupla, pois durante o dia vai ao colégio e à noite trabalha com sua mãe na fábrica de tecidos. A narrativa tematiza, na realidade, a experiência de muitos imigrantes. O processo de reterritorialização é permeado pelas consequências do choque entre culturas. Ao referir-se ao conflito entre elas, Riski Mulia Wati (2015) afirma: “A sua cultura de origem (cultura chinesa) assombra seus caminhos, pois esta se desenvolveu desde seu nascimento, enquanto ela também é pressionada a aceitar uma nova cultura (cultura americana) com esforço para que consiga se adaptar ao novo ambiente” (tradução nossa).² Assim, Kimberly não tem mais apenas a cultura chinesa como referente, mas também a cultura estadunidense.

Uma das primeiras mudanças relacionadas à cultura decorre da alteração do nome. O nome da protagonista, em chinês, é Ah-Kim, mas ela passa a ser tratada como Kimberly, devido à insistência de Tia Paula, para quem a americanização do nome é necessária. Apenas os imigrantes recentes utilizam seus nomes verdadeiros. O fato de que sua mãe, por vezes, a chama de Ah-Kim aponta para o caráter fragmentário da identidade.

O colégio torna-se um ambiente no qual a personagem vivencia o choque cultural de modo mais incisivo, pois o seu domínio do inglês é incipiente. Kimberly enfrenta dificuldades para compreender e ser compreendida, principalmente quando fala com o Sr. Bogart, o professor, como no seguinte exemplo, no qual o professor passa um teste surpresa e Kimberly sem entender olha para a mesa dos colegas, assim sr. Bogart acha que ela está colando:

- Nada de **com lar!** – disse ele. Seu nariz e suas bochechas estavam vermelhos, como se ele estivesse com alguma alergia. – **Escoltou** o que eu disse?
- Pede desculpa, senhor – murmurei. Era bem claro para mim que ele não queria saber se eu tinha escoltado alguém. Mas o que dissera? Embora tivesse tido aulas de inglês básico, em Hong Kong, a pronúncia do meu velho professor não se parecia em nada com o que eu andava ouvindo no Brooklyn (KWOK, 2011, p. 24).

Em Hong Kong o inglês é utilizado como segunda língua, porém na variante britânica. Por conta disso, Kimberly estranha a pronúncia e o significado de algumas palavras e acaba sendo alvo de piadas. Um bom exemplo disso é o episódio em que, ao pedir uma borracha, ela utiliza a palavra **rubber**, que tem o significado de borracha escolar no Reino Unido, mas nos Estados Unidos significa camisinha, em inglês coloquial.

¹ Sonho americano

² “the past culture (Chinese culture) shadows her paths because it has developed since she was born while she is insisted to accept the new culture (American culture) as her effort to do adaptation in her new environment” (WATI, 2015, p. 2).

Além da língua, Kimberly lida com um sistema educacional que também é diferente, enquanto na China o sistema é mais hierarquizado, exigindo um comportamento social padronizado, nos Estados Unidos, as aulas não seguem um roteiro tão restrito. Por meio de pequenas situações, a personagem começa a perceber as diferenças culturais, como é possível perceber no seguinte trecho:

Sentei-me ereta e dobrei as mãos atrás das costas para tentar acompanhar o que ele dizia, embora não estivesse entendendo nada. [...] Olhei ao redor. A maioria dos alunos estava espichada nas cadeiras. [...] Em Hong Kong, os alunos devem manter as mãos dobradas atrás das costas quando o professor está falando, em sinal de respeito. Lentamente, desdobrei os braços e pousei as mãos sobre a mesa (KWOK, 2011, p. 23).

No início, Kimberly evita a escola. Acostumada a ser considerada uma aluna brilhante, não consegue aceitar a ideia de ter se tornado apenas medíocre, graças às dificuldades com o idioma. Entretanto, ao longo da narrativa, ela percebe que é por meio dos estudos que conseguirá conquistar uma vida melhor.

O trabalho na fábrica é árduo e ela logo compreende que, ali, os imigrantes vivem sem muita expectativa, em uma desesperança que se perpetua nas gerações seguintes:

Tia Paula nos conduz até nossos postos de trabalho, passando por uma mesa enorme que não tínhamos visto. Uma combinação de senhoras muito velhas e crianças muito novas estavam ao seu redor, cortando todas as linhas soltas das costuras. Parecia ser um trabalho fácil. – Elas vêm para essa mesa ainda crianças e saem dela já avós – disse Paula piscando um olho. – É o ciclo da vida na fábrica (KWOK, 2011, p. 27)lo.

Kimberly tenta adaptar-se ao novo território, com cultura e língua diferentes da sua, entretanto, ainda mantém a memória de seu território de origem, principalmente em momentos de frustração. Para a personagem, as memórias da terra natal trazem uma espécie de conforto, principalmente nos primeiros tempos de sua estada nos EUA, pois, na China, sua vida era mais simples. A proximidade de Chinatown também possibilita a permanência dos laços com as origens, pois permite o contato com a cultura chinesa, a religião, comida e idioma.

Por viver uma vida dupla, a personagem acaba sendo muito reservada quanto às amizades. Anette, a amiga mais constante, representa a visão da classe média estadunidense, para quem os Estados Unidos são a terra oportunidade, da liberdade, onde todos existem em harmonia e que não há desigualdade:

Ela me perguntou o que eu fazia depois das aulas. Quando respondi que geralmente trabalhava na fábrica, ela falou com o pai sobre o assunto ao chegar em casa. No dia seguinte, me falou que eu tinha dito uma bobagem, pois crianças não trabalhavam em fábricas nos Estados Unidos (KWOK, 2011, p. 52).

Mais à frente, Anette, finalmente, tem contato com a real condição de Kimberly, quando vai a casa da amiga e vê as condições deploráveis em que, não só Kim, mas muito imigrantes vivem:

- Eu sabia que você não tinha muito dinheiro, mas isso é ridículo. Ninguém nos Estados Unidos vive assim. Afirmei o óbvio.
- Na verdade, muita gente vive assim (KWOK, 2011, p. 195).

Com a amizade de Anette, Kimberly também percebe o quanto a vida pode ser diferente. A vida dupla que leva também acaba influenciando em seus relacionamentos amorosos, pois não permite que, como as outras garotas, ela se envolva emocionalmente. O seu desejo de independência parece ser o maior obstáculo às relações. Com o tempo, passa a se relacionar com diversos garotos, mas sem que haja uma conexão forte. A exceção é Matt, um jovem que também trabalha na fábrica e de quem engravida. A princípio, Kimberly pensa em um aborto, mas acaba escondendo a gravidez e terminando o relacionamento para que eles não precisem ficar juntos apenas por obrigação.

À medida que passa a compreender o sistema estadunidense e começa a inserir-se nele, seu processo de reterritorialização se completa. Para ter certos benefícios, posteriormente, como obter uma bolsa de estudos e poder alcançar um novo patamar na vida, ela precisa ser considerada uma cidadã estadunidense. Dessa forma, a personagem faz um teste de naturalização para obter cidadania americana, o que finalmente acontece. Kimberly obtém uma bolsa de estudos, como desejava, porém, por conta da gravidez, precisa adiar o início da faculdade.

Doze anos mais tarde, Kimberly se torna cirurgiã pediátrica e é a única responsável pela educação do filho, Jason. Como filho de imigrante, Jason tem um excelente domínio do inglês e a cultura de origem de sua mãe tem pouca representatividade no seu cotidiano.

Ao longo do romance, as transformações sofridas pela personagem tornam-se perceptíveis, assim como o processo de hibridação, ou seja, da aquisição parcial de valores e padrões de comportamento da cultura estadunidense. Reafirmando a tese de Hall, é possível observar que a identidade nacional não é algo com que nascemos, mas é formada e transformada no interior das representações, assim como as identidades são múltiplas e transitórias, dependendo do modo como somos interpelados pelos sistemas culturais que nos rodeiam.

Conclusão

A representação da identidade no romance **Garota, Traduzida**, de Jean Kwok, exemplifica o processo de hibridação das identidades culturais. Ao abordar a desterritorialização e a posterior reterritorialização sofrida pela protagonista Kimberly, a obra oferece também um vislumbre da experiência vivida por imigrantes que vão aos Estados Unidos com a esperança de viver o American dream, mas que, na maioria das vezes, acabam tendo de sujeitar-se a condições deploráveis de subsistência, além de, muitas vezes, trabalharem ilegalmente, perpetuando tal condição pelas futuras gerações.

A narrativa perpassa o choque cultural, as dificuldades com o uso da língua, que, para muitos, é a principal barreira para a integração ao país de adoção. Portanto, o domínio do inglês se torna parte do processo de reterritorialização de Kimberly.

Um dos aspectos determinantes para a reterritorialização da personagem é a falta de perspectiva do retorno à terra natal. Quando essa possibilidade é inexistente, a integração ao país de adoção torna-se absolutamente imperiosa.

É possível, ainda, perceber a diferença entre as gerações de imigrantes, visto que, embora detentor de uma identidade híbrida, o imigrante de segunda geração não tem de enfrentar as agruras do choque entre culturas.

Para finalizar, é oportuno ressaltar que o romance **Garota, Traduzida** faz parte de uma tendência recente da literatura contemporânea, que, nos rastros da globalização e do intenso deslocamento de pessoas pelo globo, busca registrar os impasses e soluções por eles gerados.

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley. **Psicologia Social**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. p. 58-75. Disponível em: <<https://psico48.files.wordpress.com/2012/04/ciampa-a-identidade.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2018.
- CUCHE, Dennys. Cultura e identidade. In: **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999, p. 175-202.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mille plateaux. Capitalism et schizophrénie 2**. Paris: Minuit, 1980.
- GELLNER, Ernest. **Nations and Nationalism**. Oxford: Blackwell Publishing, 1983.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- KWOK, Jean. **Garota, Traduzida**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- PARANHOS, Ana Lúcia Silva. Des(re)territorialização. In: BERND, Zilá. **Dicionário das Mobilidades Culturais: Percursos Americanos**. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 147-166.
- SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007.
- SCRUTON, R. Authority and allegiance. In: Donald, J. and Hall, S. (orgs.). **Politics and Ideology**. Milton Keynes: Open University Press, 1986.
- SUMEI, Zou. **Análise de Diferenças Culturais Entre a Educação Chinesa e a Ocidental**. 2018. 57 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Português Como Língua Segunda Ou Estrangeira, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2018. Disponível em: <<https://run.unl.pt/bitstream/10362/37776/1/%E7%BB%88%E7%A8%BF%20Dissertac%CC%A7a%CC%83o-Ta%CC%82nia.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2018.
- WATI, RiskiMulia; SETIAWAN, Ikwan; ASTUTININGSIH, Irana. **Cultural Identity and Cultural Dislocation in Jean Kwok's Girl in Translation**. Artikel Ilmiah Mahasiswa. Indonesia, p.1-5, nov. 2015. Disponível em: <<http://repository.unej.ac.id/bitstream/handle/123456789/71495/RISKI%20MULIA%20WATI.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

CULTURAL IDENTITY AND MIGRATION IN GIRL IN TRANSLATION

Abstract: This paper consists of an analysis of the reconfiguration of cultural identity, from the migratory process in the novel **Girl in Translation**, by Jean Kwok, which approaches the trajectory of a Chinese immigrant in the USA. The conflicts arising from the clash between cultures are meticulously represented in the novel. For the purposes of this analysis, the question of cultural identity will be discussed in the light of theoretical texts by Stuart Hall (2013) and Dennys Cucho (1999) and the process of deterritorialization and reterritorialization will be examined from Deleuze and Guattari (1972).

Keywords: Cultural identity; deterritorialization; reterritorialization.